



OS SIGNIFICADOS DAS PRÁTICAS ESPORTIVAS E RECREATIVAS NAS ASSOCIAÇÕES NIPO-BRASILEIRAS DE CUIABÁ E VÁRZEA GRANDE (MT)

Elizabeth Sue Matsubara

Marcos Roberto Godoi

Universidade Federal do Mato Grosso – Brasil

Resumo: Esta pesquisa teve por objetivo compreender os significados das práticas esportivas e recreativas nas Associações Nipo-Brasileiras de Cuiabá e Várzea Grande (MT). A amostra foi constituída por 30 praticantes, divididos nas modalidades de beisebol, gatebol e da gincana “*undokai*”, além do presidente da Associação. A análise dos dados nos permitiu concluir que as modalidades têm um sentido de fomentar os valores familiares, de amizade e da tradição cultural. Destacam-se também os valores da saúde (concentração, equilíbrio, qualidade de vida), do lazer (diversão, alegria, voltar a ser criança) e do esporte (disciplina, espírito de equipe, a questão da vitória-derrota).

Palavras-chave: significados; práticas esportivas e recreativas; nipo-brasileiros.

INTRODUÇÃO

Ainda que o futebol seja o esporte hegemônico em quase todo o mundo, no Brasil, em especial, há uma diversidade de esportes e jogos praticados em todo o território nacional. Alguns desses são desenvolvidos por grupos étnicos, sociais ou culturais específicos e produzem significados diferenciados para seus praticantes. Como práticas sociais, os esportes e os jogos têm um caráter de integração, coesão e de identidade cultural para muitos grupos. Cada cultura¹ desenvolve práticas esportivas e recreativas de maneira peculiar. Seja entre indígenas, alemães, italianos, japoneses, seja entre quaisquer outras culturas, há práticas reconhecidas e legitimadas em seu meio social².

No que tange ao esporte e ao jogo, há várias teorizações que buscam compreendê-los. Destacaremos alguns conceitos que serão importantes para o nosso trabalho. Para Huizinga (2007, p. 4), o jogo ultrapassa os limites da atividade puramente física ou biológica, pois ele tem uma função significante, ou seja, encerra um determinado sentido. Nele, existe alguma coisa “em jogo” que transcende as necessidades imediatas da vida e dá sentido à ação. “Todo jogo significa alguma coisa” (HUIZINGA, 2007, p. 4).

Sobre o esporte, a Constituição Federal de 1988 diferencia-o em três manifestações: 1. desporto-*performance*; 2. desporto-participação; e 3. desporto-educação. Para Bracht (2005), apesar das semelhanças e das

¹ Neste trabalho, o termo *cultura* será usado na perspectiva sociológica e antropológica, como “modo de vida global” distinto, dentro do qual se percebe um “sistema de significações” (WILLIAMS, 2000).

² Sobre os significados dos jogos para os povos indígenas, ver Grando (2006, 2010) e Almeida e Suassuna (2010). Em relação às práticas esportivas relacionadas à identidade teuto-brasileira (alemães e descendentes) em Porto Alegre, ver Mazo e Gaya (2006), e às práticas esportivas luso-brasileiras (portugueses e descendentes) em Porto Alegre, ver Mazo e Frosi (2009). Sobre a prática do beisebol entre os nipo-brasileiros, ver Rubio (2000); sobre a prática de atividade física e os aspectos socioculturais para os nipo-brasileiros, ver Suzuki e Miranda (2008); e sobre as práticas culturais das Associações Nipo-Brasileiras do Norte do Paraná, ver Assari e Tsukamoto (2009).

inter-relações, podem-se apontar diferenciações nas manifestações do esporte. No esporte de alto rendimento ou espetáculo (*performance*, segundo a Constituição), o praticante circunscreve-se no mundo do trabalho, enquanto no consumo do esporte de rendimento e no esporte como lazer (ou participação), o participante circunscreve-se no mundo do não trabalho. No primeiro caso, o sentido interno das ações em seu interior é pautado pelos códigos da vitória-derrota, da maximização do rendimento e da racionalização dos meios. Já no esporte como atividade de lazer, outros códigos são relevantes e capazes de orientar a ação, tais como os motivos relacionados a saúde, prazer e sociabilidade.

Segundo Bourdieu (1983), o campo das práticas esportivas é o lugar onde se disputam, dentre outras coisas, o monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva, o amadorismo contra profissionalismo, o esporte-prática contra o esporte-espetáculo, o esporte distintivo de elite e o esporte popular de massa etc.

Conforme Betti (2001), a cultura corporal de movimento alargou-se no mundo contemporâneo, práticas se multiplicam e se pulverizam. Sob o patrocínio da mídia, a denominação esporte passa a designar essa diversidade de práticas, as quais já não mais atendem aos critérios clássicos da sociologia do esporte (competição, comparação de desempenhos, busca da vitória ou recorde etc.); fala-se em: prazer, bem-estar, aventura, desafio, natureza, diversão.

Para Bracht (2005), o surgimento do esporte moderno está relacionado com o advento da moderna pedagogia, do nacionalismo, da problemática do lazer e do trabalho. A satisfação das necessidades que a prática esportiva propiciava vai institucionalizar-se mediante uma organização fundada no associacionismo. Esse movimento originário da sociedade civil está baseado na organização voluntária em torno do interesse comum pela prática esportiva. O associacionismo clubístico vai dar origem às ligas e federações esportivas. No entanto, o associacionismo vai manter-se como forma de organização no âmbito do esporte como atividade de lazer.

Sendo assim, nosso objeto de estudo baseia-se nos significados das práticas esportivas e recreativas desenvolvidas nas Associações Nipo-Brasileiras de Cuiabá e Várzea Grande, Mato Grosso (MT). Com base nesse tema, perguntamos: quais são os significados culturais das práticas esportivas e recreativas desenvolvidas nas Associações Nipo-Brasileiras de Cuiabá e Várzea Grande (MT)?

O objetivo geral desta pesquisa foi compreender os significados das práticas esportivas e recreativas das Associações Nipo-Brasileiras. Já os específicos foram: 1. traçar o perfil dos praticantes de beisebol, gatebol e da gincana *undokai*; 2. verificar quem influenciou na escolha da modalidade; 3. investigar a percepção das principais conquistas; 4. analisar os significados de ser japonês ou descendente.

Esta pesquisa justifica-se porque “os praticantes do esporte têm uma visão própria do esporte. Na medida que estão envolvidos a partir do interior do esporte, os esportistas dão-lhes valores e funções fortemente diferenciados em relação aos não praticantes” (SANTIN, 2001, p. 92); além disso, existem diferentes tipos de praticantes em razão das maneiras próprias de perceber a atividade esportiva. Para Santin, uma maneira ainda pouco habitual de compreender o esporte é captar seu eco nas diferentes situações vividas pelas pessoas vinculadas às práticas esportivas no contexto do sistema de significações de uma comunidade ou no interior da intencionalidade dos indivíduos.

METODOLOGIA

No que se refere à metodologia, esta pesquisa caracteriza-se por ser do tipo estudo de campo, de caráter quantiquantitativo. Conforme Gil (2002, p. 53):

Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo.

A amostragem utilizada foi não probabilística, por tipicidade; ou seja, procurou-se por um subgrupo que fosse *típico*, em relação à população dos praticantes de esportes e recreação nas Associações Nipo-Brasileiras de Cuiabá e Várzea Grande. A amostra foi constituída de 30 participantes, sendo 10 praticantes da *undokai* (gincana), 10 praticantes de beisebol e 10 praticantes de gatebol. Além desses, entrevistamos o Sr. Naomassa Uemura, presidente da Associação Nipo-Brasileira de Cuiabá, cuja escolha foi intencional. Os sujeitos pesquisados foram numerados e denominados da seguinte forma: praticantes de gatebol (PGate); praticantes de beisebol (PBase); e praticantes da gincana *undokai* (PGin).

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram um questionário para os praticantes das modalidades esportivas e recreativas e um roteiro de entrevista para o presidente da Associação. A coleta de dados foi realizada entre os meses de setembro e outubro de 2007, nas sedes das Associações Nipo-Brasileiras de Cuiabá e de Várzea Grande. Primeiramente foi realizada uma reunião para explicar os objetivos da pesquisa e para pedir autorização para realização da investigação. Em seguida, iniciou-se a coleta de dados, e todos os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. O referencial teórico para análise dos dados baseou-se em autores da área de Educação Física e das Ciências Humanas e Sociais que estudam o esporte e os jogos na perspectiva da Sociologia, da Antropologia ou da Filosofia.

IMIGRAÇÃO JAPONESA E IDENTIDADE CULTURAL

A imigração ganhou força no Brasil depois de 1888, ano da abolição da escravatura no Brasil. Com a mão de obra passando de escrava para assalariada, e com grande demanda a suprir, Portugal foi incentivador de campanhas de imigração para o Brasil por toda a Europa. Milhares de italianos e alemães vieram para o Brasil para trabalhar nas fazendas de café do interior de São Paulo e nas indústrias e zonas rurais do Sul do país (CRUZ; ROSA; KEISI, 2008).

Conforme esses mesmos autores, depois da Reforma Meiji³ no Japão, a situação era desesperadora para muitas famílias. Em busca de melhores salários e oportunidades financeiras, muitas famílias decidiram vir para o Brasil e assentaram as bases para a formação da maior colônia japonesa do mundo. Os primeiros japoneses chegaram ao Brasil em 1908. Conforme o Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil (2007): “A imigração japonesa no Brasil tem como marco inicial a chegada do navio Kasato Maru em Santos, no dia 18 de junho de 1908. Do porto de Kobe a embarcação trouxe, numa viagem de 52 dias, os 781 primeiros imigrantes vinculados ao acordo imigratório estabelecido entre Brasil e Japão, além de 12 passageiros independentes”.

Os 781 japoneses que acabavam de chegar do Japão foram levados para trabalhar em algumas fazendas de São Paulo. A adaptação não foi nada fácil, pois o clima e os costumes dos japoneses eram bem diferentes dos daqui do Brasil. Havia também muitos confrontos com os donos da fazenda, mas já no segundo fluxo imigratório de japoneses para o Brasil, a permanência e o tempo de trabalho nas fazendas foi maior do que o dos primeiros imigrantes que foram trabalhar no campo. Os descendentes saíam das fazendas por conta própria e seguiam para outras cidades à procura de algo melhor. Em 1911, cinco famílias adquiriram lotes de terras juntas e iniciaram plantação de algodão nas proximidades da Estação de trem Cerqueira César, na Estrada de Ferro Sorocabana.

Segundo dados do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil (2007):

³ O “período Meiji” ou “era Meiji” durou 45 anos do reinado do imperador Meiji, de 8 de setembro de 1868 até 30 de julho de 1912, quando o Japão viveu uma acelerada modernização, constituindo-se em uma potência mundial. Foi chamada “Reforma Meiji”, que acabou com a “era feudal japonesa” e ocorreu após a invasão americana à baía de Uruga, que forçou o Japão a abrir-se ao comércio internacional.

Em março de 1912, novas famílias são assentadas em terras doadas pelo governo paulista, na região de Iguape, graças ao contrato de colonização firmado entre uma empresa japonesa e aquele poder público. Iniciado com cerca de 30 famílias – a maioria proveniente de outras fazendas onde os contratos já haviam sido cumpridos – esse foi um dos mais bem sucedidos projetos de colonização dessa fase pioneira.

Com o tempo, muitos japoneses vieram para o Brasil. Em 1914, somente em São Paulo já havia dez mil descendentes, mas com a economia do país em decadência, o governo proibiu novas contratações de imigrantes. Além disso, nessa mesma época, muitos japoneses morreram vítimas da malária no Brasil. Alguns anos antes da Segunda Guerra Mundial, o governo brasileiro começou a limitar as atividades culturais e educacionais dos imigrantes. A situação piorou quando foi declarada a guerra: foi tudo proibido, até mesmo correspondência, sem falar na confiscação de bens e terras que os japoneses já haviam conquistado. Após o período de guerra, a situação começa a se normalizar.

Na década de 1950, alguns japoneses vieram para Mato Grosso por intermédio de um projeto de colonização atendendo às propostas dos governos federal e estadual de se ocupar os “espaços vazios” (SILVA, 2004). Eles se instalaram na Gleba Rio Ferro, atual município de Feliz Natal, onde foram atraídos pela oportunidade de cultivo à produção da borracha. Lá eles puderam reproduzir as tradições, costumes e crenças de seu país de origem e fundaram uma Associação Cultural que surgiu como um elemento de socialização dos jovens. Desse modo, a família deixa de ser a única instituição responsável pelas práticas sociais desse grupo étnico. Conforme Silva (2004), as práticas esportivas, bem como outras atividades culturais desenvolvidas na Gleba, representaram um importante meio de socialização dos jovens com outras comunidades, pois eles participavam de campeonatos entre colônias nipo-brasileiras de outras cidades matogrossenses.

Segundo entrevista concedida pelo Sr. Naomassa Uemura, 95 anos e fundador da Associação Nipo-Brasileira de Cuiabá, as cinco primeiras famílias que se instalaram na capital matogrossense foram: Shinohara, Okamura, Matsubara, Yonezawa e Uemura. Essas famílias vieram para Cuiabá em 1948 por iniciativa própria e não por meio de uma colonizadora (como no caso da Gleba Rio Ferro), ou de uma empresa que os contratasse. Foram essas famílias que tiveram a ideia de fundar a Associação Nipo-Brasileira para poder arrecadar fundos e ajudar uns aos outros.

No que se refere à identidade cultural, apesar das influências da Europa e da América, o Japão gerou um complexo único de artes (*ikebana*, *origami*, *ukiyo-e*), técnicas artesanais (bonecas, objetos lacados, cerâmica), espetáculos (dança, *kabuki*, *noh*, *raku-go*, *yosakoi soran*, *bunraku*), música (*sankyoku*, *yoruri* e *taiko*), filmes, desenhos animados, quadrinhos (*mangás*) e tradições (jogos, *onsen*, *senso*, cerimônia do chá), além de uma culinária única.

Os esportes mais praticados no Japão vão desde os tradicionais, chamados *budô*, mais conhecidos como *jiu-jitsu*, o *sumô*, o *kendô* (lutas com espadas) e em especial o *judô*; já o beisebol e o futebol foram introduzidos no país após a Restauração Meiji e popularizados por meio do sistema educacional. Outros esportes populares são os de inverno, como *snowboard* (conhecido como *skate* e *surf* no gelo), esqui e patinação no gelo, além do golfe. Nas Associações Nipo-Brasileiras, os descendentes têm praticado muito beisebol, gatebol, tênis de mesa, *judô*, *karatê*, *kendô*, além das gincanas de confraternização “*undokai*”.

Conforme Yamashiro (apud RUBIO, 2000), do ponto de vista histórico e cultural, os japoneses apresentam duas características importantes: a preservação de valores nativos ao longo do tempo, fato raramente observado na história de outros povos; sua capacidade de introduzir, incorporar e assimilar culturas estrangeiras, harmonizando diversos fatores, até mesmo conflitantes. Daí, talvez, venham sua capacidade de adaptação e sobrevivência em locais distantes do Japão e a “nacionalização” de práticas esportivas ocidentais, como o beisebol no fim do século XIX e o futebol no fim do século XX. Apesar de todas as influências, de imigrar para lugares distantes e com outras culturas, o vínculo com a ancestralidade possibilita ao japonês uma ligação perpétua com suas origens. Por isso Kikushi (apud RUBIO, 2000, p. 39) afirma que “embora continuem identificando-se enquanto japoneses, sua experiência de vida no Brasil os tornam japoneses do Brasil e não do Japão”.

FUNDAÇÃO E ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA ASSOCIAÇÃO NIPO-BRASILEIRA

A Associação Cultural Nipo-Brasileira de Cuiabá foi fundada em 1957. Segundo o Sr. Naomassa Uemura, presidente da Associação no período de realização da pesquisa, naquela época um japonês que morava em Cuiabá faleceu e a família não tinha dinheiro para retirar o corpo do hospital e enterrá-lo. Daí surgiu a ideia de fundar uma Associação Cultural Nipo-Brasileira para organizar eventos e angariar fundos para que os japoneses que aqui moravam pudessem se ajudar. Percebe-se o caráter de união, solidariedade e assistencialismo na origem da Associação de Cuiabá.

De acordo com Asari e Tsukamoto (2009), o migrante, ao chegar ao local de destino, procura reterritorializar-se, utilizando-se dos mecanismos os mais variados, tais como: as associações; as redes sociais (familiares, de amigos, de pessoas da mesma religião e região), que reforçam os laços de identidade cultural para fazer frente à nova forma de estabelecer-se num local estranho e distante de suas origens e de suas raízes.

No início, só havia duas práticas para arrecadar fundos, uma delas era o *nihongako* (aula de língua japonesa) e a outra era o beisebol. Não se cobrava para jogar, mas com a venda de água, refrigerante, suco, salgados e do almoço foi possível arrecadar fundos, investir um pouco mais na estrutura da Associação. Atualmente, a Associação tem recebido apoio de governantes, o que tem ajudado a melhorar a sua estrutura. Existem duas sedes na Região Metropolitana de Cuiabá, uma na capital e a outra em Várzea Grande (município que está em conurbação com Cuiabá, da qual se separa apenas pelo rio Cuiabá). A Associação de Cuiabá localiza-se na Rua Clovis Hugney, s/n, Centro; a de Várzea Grande está localizada na Av. Castelo Branco, s/n, Centro.

O Sr. Uemura informou que uma das atividades oferecidas permanentemente na Associação era o karaokê com músicas japonesas, mas, por falta de pessoas interessadas e por falta de investimento, acabou. Ainda assim, nos almoços oferecidos na Associação, o karaokê volta a funcionar esporadicamente. O almoço é preparado pelas senhoras e algumas jovens que se dispõem a ajudar. Os homens ajudam a carregar o gás, a trocá-lo, a descascar e cortar os legumes e as verduras, e alguns ficam no caixa. Em dias de competições, é servido yakisoba, sobá, pastel, cachorro-quente etc.

Os esportes praticados na Associação são o beisebol, o gatebol e o tênis de mesa. Como a segunda modalidade esportiva é pouco conhecida no Brasil fora dos círculos nipo-brasileiros, vamos descrevê-lo brevemente. De acordo com a Nikkeypédia (2009), o gatebol surgiu na Ilha de Hokkaido, Japão, em 1947. Tornou-se um dos esportes mais praticados neste país. O princípio do jogo consiste em impulsionar a bola com um taco (stick) e fazê-la passar sob três arcos ou traves (gate). Há ainda uma estaca final no centro do campo. Os arcos têm 22 cm de largura por 20 cm de altura. Cada jogador ganha um ponto pela passagem de cada arco e dois pontos batendo no pino central, completando cinco pontos.

As práticas recreativas desenvolvidas na Associação têm seu ápice na realização da gincana “*undokai*”, que é realizada em um lugar aberto, com muito espaço e marcações no campo, caso as atividades recreativas disso necessitem. Ela é organizada com vários tipos de provas e brincadeiras (separadas por sexo, mista e por idade). É um dia de lazer e recreação para todas as idades. A premiação é sempre simbólica, são distribuídos brindes como cadernos, lápis, arroz, feijão, latas de óleo etc. A gincana é realizada uma vez por ano, geralmente nos meses de setembro ou outubro.

Conforme a Nikkeypédia (2009), *undô* significa esporte, movimento, e *kai* reunião. Desse modo, seria uma reunião esportiva, ou o equivalente a uma gincana esportiva, organizada geralmente pelas escolas de língua japonesa ou pelas associações culturais, quando um grande número de voluntários organizam, arrecadam fundos, fazem e servem lanches para os visitantes, além de participarem das diversas modalidades de atividades.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

As modalidades esportivas mais praticadas nas Associações Nipo-Brasileiras de Cuiabá e Várzea Grande são o beisebol e o gatebol. Na Associação de Cuiabá, há um time de beisebol (Dinossauros Cuiabá Team)

adulto, que se reúne somente nos períodos de competições. A faixa etária dos jogadores é entre 35 e 45 anos. Já em Várzea Grande, há três equipes de beisebol adulto que treinam frequentemente (VG Dragons, VG Spartans e VG Dodgers), a faixa etária dos praticantes é mais jovem, entre 18 e 32 anos. O beisebol é mais praticado pelos homens, e as mulheres estão começando a jogar o softbol, uma versão parecida com o beisebol, mas jogado por mulheres.

O gatebol geralmente é praticado pelos mais velhos, porém alguns jovens também participam⁴. Nessa modalidade, os praticantes de Cuiabá e Várzea Grande treinam juntos quatro dias por semana e em alguns feriados. É interessante destacar que nesse esporte não há divisão de gênero, homens e mulheres jogam na mesma equipe.

A prática recreativa com maior número de praticantes é o *undokai*; a gincana, que é realizada no mês de setembro, envolve participantes de ambos os sexos, de várias gerações. Nessa gincana, há provas de corrida, sendo elas: revezamento 4 x 100, 4 x 400, corrida de saco, corrida empurrando o botijão de gás com um bastão, “caça marido”, corrida do ovo com colher na boca, dentre outras provas.

No que tange ao perfil dos praticantes pesquisados, dos 10 praticantes do *undokai*, sete são mulheres e três são homens. A média de idade dos participantes é de 23,4 anos, o mais jovem tem 15 anos e o mais velho, 35. Sobre a geração deles, seis são de terceira geração (*sansei*) e quatro são da quarta geração (*yonse*)⁵. Dos 10 praticantes de gatebol, quatro são homens e seis são mulheres. A média de idade deles é de 64,7 anos, o mais jovem tem 24 anos e o mais velho, 93. Desses, dois fazem parte da primeira geração (*nikkei*); outros seis entrevistados são da segunda geração (*nissei*); um praticante entrevistado é da terceira geração (*sansei*); e um não é descendente. Dentre os praticantes de beisebol, todos os 10 são homens. A média de idade deles é de 28,8 anos, o mais jovem tem 18 anos e o mais velho, 43. Sobre a geração deles, apenas um é da segunda geração (*nissei*); sete são de terceira geração (*sansei*); e dois são da quarta geração (*yonse*).

Sobre quem incentivou os praticantes a participarem da modalidade, dos 30 sujeitos pesquisados, cinco foram incentivados pelas famílias; 11 foram incentivados pelos amigos; apenas um teve iniciativa própria; dois tiveram influência das famílias e dos amigos; sete foram incentivados pela família, pelos amigos e tiveram vontade de participar; quatro foram incentivados pela família, amigos, treinador/técnico, tiveram vontade de participar. Percebe-se o peso que os amigos e a família têm na influência sobre a prática esportiva ou recreativa. Rubio e Angelo (RUBIO, 2000, p. 40) identificam também a importância da família na organização do beisebol entre os descendentes de japoneses. Segundo os autores citados, “a convivência das famílias que formam a comunidade do clube estreita-se à medida que crescem as responsabilidades dos filhos como atletas, e dos pais com a infra-estrutura do clube”. A maioria dos clubes brasileiros de beisebol segue um padrão de hereditariedade cuja dinâmica está baseada na experiência dos mais velhos, que, ao encerrarem sua carreira como atletas, tornam-se técnicos, aplicando um padrão de preparação física que aprenderam e praticaram. Os pais, na maioria das vezes, são os técnicos das equipes quando eles param de jogar. Já as mulheres, mães de atletas e esposas dos dirigentes, são organizadoras e realizadoras do *baiten* (a refeição servida no clube); sendo assim, elas transformam a renda da cozinha em recurso financeiro que mantém o funcionamento do clube (RUBIO, 2000).

Essa mesma estrutura organizacional descrita anteriormente é também identificada nas atividades das Associações Nipo-Brasileiras de Cuiabá e Várzea Grande. Toda a família desempenha algum papel no desenvolvimento das atividades esportivas e recreativas, o que é um indicador de sua organização. Porém, sem muito patrocínio e pautada pela organização familiar, os esportes e jogos lá praticados têm um caráter amador.

⁴ Neste estudo, entrevistamos somente uma atleta mais jovem, com 24 anos, o restante era predominantemente idoso. Tivemos a informação de que havia outros jovens que praticavam o gatebol, mas não nos disseram quantos.

⁵ Os japoneses que vieram morar no Brasil chamam-se *isseis*, a primeira geração nascida aqui se chama *nikkei*, a segunda geração *nissei*, a terceira *sansei* e a quarta *yonse*.

Sobre os significados das práticas esportivas ou recreativas, dos 30 praticantes pesquisados, 14 relatam a questão da saúde física e mental (concentração e calma); oito destacam a integração entre familiares e amigos; quatro relatam que é um dia de lazer; outros dois dizem que é por causa da concentração; um diz que volta a lembrar do tempo de criança e o outro significa a prática de um esporte.

Dentre os praticantes da gincana, as respostas mais representativas foram as que fazem referência à união entre familiares e amigos e também ao lazer e à diversão. Vejamos três exemplos:

PGin 3 – “Significa encontrar tios e tias, primos distantes e amigos”.

PGin 8 – “Significa família, amigos, tradição, um dia de criança, sair da rotina”.

PGin 9 – “Rever os amigos, encontrar alguns familiares distantes, diversão, um dia de lazer”.

Alguns autores têm justificado o significado social do esporte pelos aspectos que ele envolve. De acordo com Cotta (apud TUBINO, 2001), o esporte tem as seguintes características: 1. ser um meio de socialização; 2. favorecer o desenvolvimento da consciência comunitária por meio das atividades coletivas; 3. ser uma atividade prazerosa, ativa para os praticantes e passiva para os que a assistem; 4. exercer uma função de coesão social, favorecendo a identificação, social ou simbolicamente, com o corpo esportivo da nação; e 5. desempenhar um papel de compensação, pelo prazer, contra o excesso de trabalho industrial. A socialização com os familiares e amigos foi uma característica bastante citada nas respostas dos praticantes. Além disso, a questão do lazer, da diversão e “um dia de criança” também foram destacados. Conforme Santin (2001), alguns praticantes colocam o esporte como uma criação lúdica, ou seja, um brinquedo infantil. O esporte é um simples passatempo, ou um ingênuo e gracioso brinquedo. Nessa perspectiva, a ênfase é sobre o simples prazer, o gosto, a alegria de brincar.

Já os praticantes do gatebol destacaram mais os significados relacionados à saúde e ao bem-estar físico e mental; alguns ainda fazem referências às amizades e à diversão, o que de certa forma contribui para a saúde dos praticantes, especialmente para aqueles que já estão na terceira idade. Como podemos observar nas respostas que seguem:

PGate 1 – “Porque esse esporte, para a terceira idade, é muito importante, além de fazer bem para a saúde e dar longevidade ainda faz muitos amigos”.

FGate 6 – “Concentração, calma, é uma modalidade que incentiva a concentração maior”.

PGate 7 – “Significa saúde e representa sair de casa para se divertir”.

Conforme Stigger (2002), a atividade física e o esporte em particular são habitualmente associados à saúde, transformando-se em um *valor* compartilhado por vários segmentos populacionais. Como o gatebol é mais praticado pelos mais velhos, a questão da socialização, de fazer amigos e de sair de casa para se divertir parece indicar a saída do isolamento social que atinge mais essa população.

Os praticantes de beisebol destacam os benefícios que o esporte pode trazer para a saúde, mas também fazem referências a outros valores do esporte, como competição, disciplina, espírito de equipe etc. Vejamos algumas respostas:

PBase 1 – “Significa a prática de um esporte, pois todos nós sabemos da importância da prática do esporte para a saúde física e mental, previne muitas doenças e garante o nosso bem-estar”.

PBase 4 – “Significa saúde física, competição e espírito de equipe”.

PBase 6 – “Significa desenvolver e/ou preservar a saúde física e mental. Agregar valores familiares e sociais. Desenvolver e aplicar o espírito de equipe e conhecer o significado da disciplina”.

Como se percebe, os valores relacionados à saúde foram bastante destacados. De acordo com o conceito adotado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a saúde pode ser relacionada com a ideia de *bem-estar físico, mental e social* (DELA FONTE; LOUREIRO apud STIGGER, 2002). Esses valores da saúde como bem-estar físico, mental e social foram expressos nas respostas dos praticantes do beisebol. A questão da competição, da disciplina e do espírito de equipe também foi evidenciada. Conforme Bracht (2005), a “esportividade” é um valor ou norma de comportamento socialmente válido, esperado e de certa forma exigido. Para determinados grupos sociais, ser esportivo é parte fundamental do comportamento cotidiano. Sobre a questão da disciplina, Rigauer (apud BRACHT, 2005) entende que o esporte se desenvolve interdependentemente com o processo social global, que acaba determinando suas características básicas: disciplina, autoridade, concorrência, rendimento, racionalidade técnica, organização e burocratização.

Perguntamos, ainda, qual a opinião deles sobre o motivo da escolha da modalidade que praticam. Dos 30 sujeitos pesquisados, 23 responderam que é por causa da cultura e da tradição japonesas; quatro disseram que é por escolha própria; três relataram que é por causa da falta de espaço físico na associação, falta de habilidade em outras modalidades e o porte físico dos atletas, que favorecia determinada prática e não outra. É notória a identificação da cultura nipo-brasileira com os esportes e as práticas recreativas, ainda mais com os esportes específicos beisebol, gatebol, tênis de mesa, *undokai* etc. De acordo com Bourdieu (1990) e Boltanski (1984), as diferentes modalidades esportivas têm afinidade com interesses, gostos e preferências de determinada classe (ou grupo social). Por sua vez, determinadas práticas podem gerar distinções de classes e se transformar em capital simbólico.

Mesmo entendendo que não são mais japoneses, mas brasileiros descendentes de japoneses, eles parecem ser um grupo com forte identificação com a categoria nação, mesmo divididos e/ou unidos em duas nacionalidades. Conforme Hall (2000), as culturas nacionais compõem-se de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso, ou seja, um modo de construir sentidos que influencia a concepção que temos das diferentes nacionalidades.

Nesse sentido, a instituição familiar, o pertencimento à Associação Nipo-Brasileira, a culinária, as práticas esportivas e culturais e todas as tradições, além de serem práticas sociais, são construções discursivas, como o significado de ser descendente de japonês. Dos 30 pesquisados, a grande maioria destacou os valores da família, educação, honestidade, respeito, cultura.

PGin 5 – “Respeito, educação, honestidade etc.”.

PGin 7 – “Tudo, a minha vida! Pois tento seguir as tradições japonesas”.

PGate 3 – “Respeito e família”.

PGate 5 – “Família, educação, cultura etc.”.

A esse respeito, Rubio (2000) sublinha que um dos traços fundamentais do caráter nacional japonês é a educação e não por acaso. Tanto no passado quanto no presente, a pedagogia japonesa baseia-se no exemplo e na repetição infinita. O mestre é, o discípulo imita. Talvez por isso, alguns deles se queixem da rigidez e colocam os valores de uma forma mais negativa, como nas respostas que seguem:

PGin 10 – “Gosto da cultura, da educação japonesa, hoje tenho orgulho, mas, quando eu era criança e na fase da puberdade, eu não gostava, tinha raiva, pois todas as minhas amigas saíam e eu não podia ir a muitas festas”.

PGate 2 – “Nada, representa cultura mais rígida”.

PBase 3 – “Educação rigorosa”.

PBase 6 – “Ser descendente de japoneses ou de outra etnia qualquer não representa nada. Eu individualmente sou quem deve representar algo para todos”.

A esse respeito, Hall (2000) destaca que mesmo no interior de uma cultura nacional há divergências. “Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, representá-los todos como pertencendo a mesma e grande família nacional” (HALL, 2000, p. 59). Sakai (apud SILVA, 2004) corrobora com essa ideia, pois entende que o povo japonês era tratado como uma família, na qual o imperador era o chefe, e o pai, a autoridade próxima. A ética da obediência, da lealdade, da fidelidade, resgatada do confucionismo⁶, era apreendida pelos manuais escolares de História e Moral.

Quando interrogados sobre as principais conquistas individuais ou por equipes: nove responderam que a maior conquista foi ganhar amigos; oito disseram que era poder competir; sete disseram que foi a vitória de campeonatos; três relataram que ganharam prêmios simbólicos; um disse que era representar Cuiabá; um destacou que o esporte o conquistou; e outro disse que “no esporte costuma sempre levar a vida *light*”.

PGin 6 – “Já ganhei óleo, arroz, balde, lápis, caderno etc.”.

PBase 8 – “Poder competir”.

PBase 7 – “Beisebol: Campeonato Internacional categoria Júnior. Tênis de mesa: 3º lugar no Campeonato Brasileiro Internacional categoria Juvenil”.

PGate 8 – “Amigos”.

Os títulos esportivos não são muito enfatizados nas respostas dos praticantes, eles aparecem mais entre os praticantes de beisebol, talvez pelo fato de serem mais jovens e participarem de campeonatos nos níveis estadual e nacional. Já os praticantes do gatebol e da gincana destacam mais os resultados simbólicos, como amizades e prêmios que estão relacionados ao valor da participação. De acordo com Huizinga (2007), jogamos ou competimos “por” alguma coisa, antes de mais nada pela vitória, mas acompanhada de diversas maneiras de aproveitá-la. Os frutos da vitória podem ser a honra, a estima, o prestígio. No entanto, está em jogo alguma coisa mais do que a honra, um prêmio, que pode ter um valor simbólico ou material, ou simplesmente abstrato.

Segundo Tubino (2001), no esporte-participação, a dimensão social do esporte referenciada é a do prazer lúdico, que tem como finalidade o bem-estar social dos seus praticantes. Ele difere do esporte-*performance* ou de rendimento, que exige uma organização complexa e investimentos. O esporte de rendimento traz consigo os propósitos de êxito, a vitória sobre os adversários nos mesmos códigos e é exercido pelos organismos internacionais de cada modalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passados 100 anos da imigração japonesa no Brasil, é possível identificar algumas influências culturais que eles nos trouxeram em vários setores: economia, agricultura, culinária, nas artes, cinema, desenhos animados e, também, nos esportes. Em contrapartida, a imigração de brasileiros descendentes de japoneses para o Japão a partir das últimas décadas do século XX contribuiu para levar um pouco de nossa cultura para o país do sol nascente.

⁶ Confúcio foi um filósofo chinês do século VI que serviu de alicerce para a sociedade chinesa e países vizinhos, como o Japão, repercutindo profundamente na vida político-social da nação.

A partir da análise dos dados, pudemos concluir que o perfil dos praticantes do beisebol é do sexo masculino: em Cuiabá, eles são mais velhos e, em Várzea Grande, mais jovens. No gatebol, os praticantes são predominantemente idosos, embora alguns jovens também participem dessa modalidade. Na gincana recreativa *undokay*, os participantes são de ambos os sexos, de várias gerações. Quem mais incentivou a prática das modalidades esportivas e recreativas foram os amigos e as famílias. Além disso, eles afirmaram que o motivo da escolha das modalidades que praticam se deve à cultura e à tradição japonesas.

Sobre as principais conquistas, os títulos esportivos são mais destacados entre os praticantes de beisebol. Já os praticantes de gatebol e da gincana *undokay* dão maior ênfase para a conquista de amizade e de prêmios simbólicos ligados ao valor da participação. No que tange ao significado de ser japonês ou descendente, um grupo destacou valores da família, educação, honestidade, respeito e cultura. No entanto, outro grupo ressaltou cultura e educação rigorosas.

As Associações Nipo-Brasileiras de Cuiabá e Várzea Grande têm um papel importante na construção da identidade nipo-brasileira. As práticas esportivas (beisebol e gatebol) e recreativas (gincana *undokay*) desenvolvidas nas Associações apresentam significados e valores relacionados aos vínculos familiares, de amizade e da tradição cultural. Destacam-se também os significados de saúde (concentração, equilíbrio, qualidade de vida), do lazer (diversão, alegria, voltar a ser criança) e do esporte (disciplina, espírito de equipe, a questão da vitória-derrota), expressos pelos praticantes das modalidades esportivas e recreativas.

THE MEANING OF SPORTS AND RECREATION PRACTICES IN THE NIPO-BRAZILIAN ASSOCIATIONS OF CUIABÁ AND VÁRZEA GRANDE (MT)

Abstract: This research aimed to understand the meaning of sports and recreational practices in the Nipo-Brazilian Associations of Cuiabá and Várzea Grande (MT). The sample consisted of 30 players, divided in terms of baseball, gateball and gymkhana “Undokay”, and the President of the Association. Data analysis allowed us to conclude that: the rules have a way of promoting family values, friendship and cultural tradition. We also highlight the values of health (concentration, balance, quality of life), leisure (fun, joy, back to being children) and sports (discipline, team spirit, the question of win-loss).

Keywords: meanings; sports and recreation; nikkei.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. J. M. de; SUASSUNA, D. M. F. de A. Práticas corporais, sentidos e significados: uma análise dos Jogos dos Povos Indígenas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 53-71, out./dez. 2010.

ASARI, A. Y.; TSUKAMOTO, R. Y. Migração e território: as Associações Nipo-Brasileiras do norte do Paraná. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA EGAL, 12., 2009, Montevideu. **Anais...** Montevideu, 2009. p. 1-12.

BETTI, M. Educação Física e sociologia: novas e velhas questões no contexto brasileiro. In: CARVALHO, Y. M. de; RUBIO, K. (Org.). **Educação física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 155-169.

BOLTANSKI, L. **As classes sociais e o corpo**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153.

- BOURDIEU, P. Programa para uma sociologia do esporte. In: _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 207-220.
- BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 3. ed. rev. Ijuí: EdUnijuí, 2005.
- CRUZ, R.; ROSA, D. de; KEISI, M. **Almanaque do centenário da imigração japonesa no Brasil**. São Paulo: Escala, 2008.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GRANDO, B. S. O jogo da identidade Boe: a educação do corpo em relações de fronteiras étnicas e culturais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 27-43, jan. 2006.
- _____. (Org.). **Jogos e culturas indígenas**: possibilidades para a educação intercultural na escola. Cuiabá: EdUFMT, 2010.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: LP&A, 2000.
- HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. 5. ed. 3 reimp. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- MAZO, J. A.; GAYA, A. As associações desportivas em Porto Alegre, Brasil: espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 6, n. 2, p. 205-213, maio/ago. 2006.
- MAZO, J. A.; FROSI, T. O. Em busca da identidade luso-brasileira no associativismo esportivo em Porto Alegre no princípio do século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 57-72, jan. 2009.
- MUSEU HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL. **Trajetória dos imigrantes**. Disponível em: <<http://www.nihonsite.com/muse/traj/trajeto.cfm>>. Acesso em: 20 set. 2007.
- NIKKEYPÉDIA, A enciclopédia da comunidade nikkey. **Undokai**. Disponível em: <<http://nikkeypédia.org.br>>. Acesso em: 30 jul. 2009.
- RUBIO, K. Tradição, família e prática esportiva: o desenvolvimento do beisebol no Brasil. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 37-44, 2000.
- SANTIN, S. **Educação Física**: da alegria do lúdico à opressão do rendimento. 3. ed. ampl. Porto Alegre: EST, 2001.
- SILVA, A. C. F. da. **Nas trilhas da memória**: uma colônia japonesa no norte de Mato Grosso. 1950-1960. 2004. Dissertação (Mestrado em História)—Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2004.
- STIGGER, M. P. **Esporte, lazer e estilos de vida**: um estudo etnográfico. Campinas: Autores Associados, 2002.
- SUZUKI, F. S.; MIRANDA, M. L. de J. A história da imigração japonesa e seus descendentes: prática de atividade física e aspectos sócio-culturais. **Conexões**: Revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp, Campinas, v. 6, ed. especial, p. 409-418, jul. 2008.
- TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2001.
- WILLIAMS, R. **Cultura**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

Contato

Marcos Roberto Godoi
 Rua A, n. 107, Residencial Cristal, bloco B2, ap. 65, Bairro Terra Nova
 Cuiabá – MT – Brasil – CEP 78050-400
 E-mail: mrgodoi78@hotmail.com

Tramitação

Recebido em 11 de janeiro de 2010
 Aceito em 1º de setembro de 2011